

## ROMEU NA ESTRADA



*Rinaldo de Fernandes*

# ROMEU NA ESTRADA

*Romance*

Garamond

Copyright © Rinaldo de Fernandes

Direitos cedidos para esta edição à

**Editora Garamond Ltda.**

Rua Candido de Oliveira, 43/Sala 101 - Rio Comprido

Rio de Janeiro - Brasil - 20.261-115

Tel: (21) 2504-9211

editora@garamond.com.br

*Revisão*

Alberto Almeida

*Editoração Eletrônica*

Editora Garamond

*Capa*

Estúdio Garamond

sobre foto de Nicolas Fuentes, disponível em

<https://www.flickr.com/photos/unicocreativo/8532459840/>

sob licença Creative Commons.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

---

F398r

Fernandes, Rinaldo de

Romeu na estrada / Rinaldo de Fernandes. - 1. ed. - Rio de Janeiro :

Garamond, 2014.

104 p. ; 21 cm.

ISBN 9788576173847

1. Romance brasileiro. I. Título.

14-16093

CDD: 869.93

CDU: 821.134.3(81)-3

---

Todos os direitos reservados. A reprodução não-autorizada desta publicação, por qualquer meio, seja total ou parcial, constitui violação da Lei n° 9.610/98.

## ROMEU NA ESTRADA



# 1

---

Roubei o carro do meu aluno no final da tarde. Roubei no pátio da universidade, ele sempre ficava parado, os pneus com barro, debaixo da palmeira. Saí em velocidade pela avenida, cruzei o viaduto, refiz em parte a rota para a minha casa, aí desviei, segui para a Zona Oeste, rondei por algumas ruas, rompi em frente ao Parque da Água Branca, quase batendo num poste.

Em pouco tempo peguei a rodovia, recompus-me no volante, a pista reta, a visibilidade boa. Uma placa pendida, com perfurações de balas. Logo escureceu – os faróis fortes nos arbustos beirando a estrada.

\*

Após algumas horas, a pista menos movimentada, bateu a fome, parei num posto. Dirigi-me à loja de conveniência (a luz rala), pedi um pastel com um refrigerante. Quando o telefone, na parede acima do balcão, tocou, me inquietei. Paguei e saí logo.

Olhei para os pneus do carro – o barro nas bordas.

Segui, eu tinha um plano a cumprir.

\*

Por volta da meia-noite, mais ou menos, o carro de repente rolou para o acostamento da rodovia, agora de mão dupla simples. O motor falhando, luz baixa, fui conduzindo-o com dificuldade até o descampado rente à pista, onde havia a sombra de uma árvore.

Perturbei-me ali na penumbra, as mãos prendendo o volante: “Porra! Porra!”. Desolado, o suor nos dedos, desci do carro. Girei, dei socos no capô: “Caralho!”. Voltei, amparei-me na porta, ainda tentei por algum tempo acionar o motor, mas não consegui. Virava, mas não pegava.

De uma hora para outra me encontrei ali, sozinho, sentado numa pedra perto da árvore, o céu estrelado. Vez por outra olhava para a estrada, para as curvas cinzentas – não aparecia ninguém. Estalos, pios – pisadas? – na mata próxima.

\*

Fui caminhando pela pista. A pouca claridade da lua, o contorno dos morros. Restos de uma cerca rente ao acostamento, toros de madeira. Já um pouco distante, na primeira curva, voltei-me, vi o carro parado sob a árvore parecendo um enorme peixe escuro, os pneus... Meu plano indo por água abaixo.

\*

Eu estava com medo de andar sozinho ali no acostamento. Medo, muito inseguro, investigando em volta. De repente apareceram as luzes de um carro. Que veio vindo e, quando se aproximou de mim, bati com a mão, mas ele não parou, as luzes roçaram meus sapatos, iluminaram a margem por onde eu seguia, os capins com bosta de boi.

\*

Continuei caminhando, ao lado agora um abismo. Em pouco tempo apareceram outras luzes. Era um caminhão (o barulho do motor fazendo eco no abismo), que, mesmo eu esticando a mão várias vezes posicionado bem próximo à pista, também não parou.

Ainda veio um indivíduo numa moto – ao me ver andando ali ao pé da barreira, desviou para a margem oposta e, voltando duas ou três vezes a cabeça na minha direção, o capacete refletindo as luzes do pisca-alerta de repente acionadas (apenas o susto de cruzar com um desconhecido àquela hora da noite? ou pensou em parar?), seguiu viagem.

## 2

---

Foi aí que, na curva, zoou um ônibus (sim, as luzes azuladas laterais não enganavam, era um ônibus). Eu me pus perigosamente à beira da pista, deixei meu corpo bem visível, e passei a acenar com as mãos.

Acenei com energia: “Para! para!”. Movi-me um pouco mais para o centro da pista: “Vai, para!”. E aí, após passar por mim, eu já perdendo a esperança, vi que o ônibus foi parando, dobrando para o acostamento. Dei passos largos para alcançá-lo, os faróis iluminando a rodovia, refletindo nas grandes rochas. Sim, o ônibus me esperava, eu andava quase eufórico. Mas, ao me aproximar, não abriu a porta. Eu me adiantei, olhei pelo retrovisor se via o rosto do motorista, mas estava escuro lá dentro. Na ponta dos pés, olhei novamente (o retrovisor rachado na borda?), e nada, não vi nada.

\*

Então gritei:

– Uma carona, fiquei só na estrada!

Ninguém respondeu. Reclinei-me para trás, raspando a perna num arbusto, e voltei a gritar:

– Por favor, uma carona! Meu carro quebrou!

A luz da cabine aí acendeu. A porta apitou, foi se abrindo. O motorista, engravatado, a banda de uma fruta na mão, moveu os dentes:

– O que houve?

Eu me apoiei na porta:

– Meu carro pifou ali atrás, estou sozinho na estrada. Pode me levar até alguma cidade à frente?

Ele se empinou na cadeira, me examinou de cima a baixo. Procurou o retrovisor do meu lado, observou atento ao redor. A testa porejando, voltou a me examinar. Abocanhou a fruta (uma pera, pareceu), falou de boca cheia:

– Suba.

\*

Subi, afundei na penumbra, as poltronas reclinadas, eu sem enxergar bem os rostos dos passageiros. Dirigi-me para os fundos do ônibus, aos tropeços, pois o motorista acelerou forte, e alcancei a poltrona ao lado da de uma jovem adormecida. Sentei com cuidado, sem fazer ruído. Olhei pela janela a noite, as rochas bicudas. Afastei mais a cortina – a claridade da lua refletiu no metal da pulseira da jovem. Que, revolvendo-se na poltrona, pôs de repente a perna morna junto da minha.

Prendi a respiração: e o plano?